

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



POSSIBILIDADES

ALINE SHIOHARA

UNICAMP
2001

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

POSSIBILIDADES

ALINE SHIOHARA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Pedagogia, Faculdade de Educação/Unicamp, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Roseli Aparecida Cação Fontana.

UNICAMP
2001

© by Aline Shiohara, 2001.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	TCC UNICAMP
	Sh.63p
V:.....	EX:.....
TOMBO: 61	
PROC. 124/2003	
C:.....	D: X
PREÇO: 11,00	
DATA: 28/10/03	
Nº CPD: 3	10535

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Shiohara, Aline.
Sh63p Possibilidades / Aline Shiorara. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador : Roseli Aparecida Cação Fontana.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Fotografia. 2. Escolas. 3. Olhar. 4. Imagem. 5. Ensaio fotográfico.
I. Fontana, Roseli Aparecida Cação. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação.

01-0182-BFE

Prof^a. Dr^a. Roseli Aparecida Cação Fontana - orientadora

Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Soares - segunda leitora

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Guedes Pinto - segunda leitora

A Professora, OP, diretora e contadora de histórias... Dôna Denise!
Por acreditar poeticamente nessa vida de possibilidades.
A toda comunidade da EMEF Raul Pila; gente valente!!
Aos sorrisos infinitos...
Ao *menino de ouro*...

a vocês, ofereço com todo carinho.

*... O que vale, são outras coisas.
A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos,
cada um com seu signo e sentimento,
uns com os outros...*

João Guimarães Rosa

agradecimento

Mã(nhê), Pai(ê) e ao Japonês. Por existirem. Por sempre acreditarem (e investirem) nas minhas loucuras. Por me fazerem sentir importante no/ao “mundo”. Como agradecer-lhes?

Ro(seli Cação) pela imensa confiança, atenção, carinho, dedicação e estímulo durante todo o meu percurso. Pelas leituras e interlocuções poéticas da e sobre a vida. Por me *enfeitiçar* e mudar minha trajetória. Por se tornar inesquecível. Obrigada!

Pri(scila) pelos encontros e desencontros. Por tentar me ensinar a trabalhar em parceria. Por jamais desistir de seus sonhos e vontades. Por compartilhar suas angústias e viver intensamente a *percussão* da vida. Por presentear o mundo com mais cores, música e poesia. Por me indicar caminhos... Muitíssimo Obrigada! Sem você, esse trabalho não teria sido o mesmo, ou talvez, não existisse...

Gui(lherme), companheiro sempre! Pela emoção diante do “espelho”. Pela trilha sonora que me acompanhou ao longo de todo trabalho. Por acreditar na minha produção e potencial. Por compartilhar a vida... Que esse trabalho seja o primeiro de muitas outras parcerias pedagógicas-musicais.

Amigo Éden, pelo trabalho gráfico e *co-autoria*, mas principalmente, pelo coração gigante, olhar atento e nossos aprendizados “fotográficos-imagéticos”. Quantos olhares já nos encontraram, encantaram e estão fixados em nós?!

Irmãozinho (Ricardo) Rios, por me fazer voltar a fotografar. Por sua constante presença, interlocução e imensa sensibilidade. Pelas longas e infinitas conversas Campinas-São Paulo. Pelas imagens/olhares que tanto me alimentam. Por acreditar.

Querido Serjão(io), sempre tão presente, sempre tão importante, mesmo não sabendo... *será?!*

Amigo Ju(liano), também irmãozinho. Cadê você?! Por onde anda?!
Você também é parte importante dessa trajetória. Obrigada!

Tiago, amigo de tanto tempo... Obrigada por também escrever mais essa história!

Paulo, Lili, Mafê e Carol, o que dizer a vocês?! Obrigada, por TUDO!!

Fe(rnanda), irmãzinha de coração. Por agüentar durante toda a graduação meu papinho pedagógico! Por me ensinar coisas alimentícias! Pela companhia e infinita paciência... Por aprendermos e crescermos juntas.
O que seria de mim sem você?!
Obrigada, de coração...

Gi(sleine) pelas trocas, conversas e angústias vividas nessa caminhada.
Quanto aprendizado, hein?!

Amigo Élcio e *ajurienses* que tanto me ensinaram com seus olhares, corações esperançosos e batalhadores.

João Mendes e *Warã* por não me fazerem esquecer de ler poeticamente a vida, os olhares e sorrisos que encontramos e que nos encontram.

Antônio Carlos, pela experiência de trabalhar ao seu lado.
Por me apresentar (e ensinar) as *aproximações*...

Ceci, pelas leituras, pelos textos. Por me colocar em contato com o Borges...

Professor Marcos, sempre tão atento, sempre tão confiante,
sempre tão certo de que é preciso continuar. Muito Obrigada!

Clarice, pelo troca-troca de material, de palavras e imagens; pela interlocução,
mas principalmente, por acreditar e me fazer ver que vale a pena!

Dai(ene), tão diferentes e tão parecidas nós duas...
Obrigada por também fazer parte.

Adri(ana), companheira desde o início... Por sempre acreditar apaixonadamente na mudança. Por resistir. Por me ensinar tantas coisas e compartilhar tantas afinidades.

(Profa.) Geisa, por me mostrar a força da mulher que existe em nós.

Regis(na), Regininha. Por "*viver e não ter a vergonha de ser feliz*" e encantar, encantar, encantar...

Ju(liana) por não desistir do *sonho*. Por batalhar e acreditar na vida com simplicidade.

Giu(liana), bailarina. Por sempre acreditar nos possíveis além da escola.

Ciba(ele), pedagoga. Por me fazer *waldorfiar* com mais tranquilidade. Pelas longas e infinitas trocas, conversas e angústias compartilhadas. Por me indicar possibilidades...

CEB Roberto Norio. Por me receberem e contribuírem na minha formação. Aos alunos, por me indicarem novas leituras do mundo e me levarem ao encontro da minha própria história e formação *oriental*.

EMEF Raul Pila, alunos, funcionários e professores, pela longa caminhada em seu território... Por nos receberem tão bem e me levarem de volta à escola. Por me ensinarem sobre a vida...

Somos um e muitos ao mesmo tempo... Somos compostos por diferentes fragmentos, vozes, cores, sons e cheiros de outros e outras que encontramos, que nos encontram e que conhecemos ao longo dos tempos... Como agradecer-lhes sem o risco e a injustiça de deixar alguém de fora?

Agradeço também a todos aqueles que não foram citados nominalmente, mas que também fizeram e fazem parte desse percurso. Que me acompanharam antes e/ou durante os anos de graduação e que continuam me acompanhando ao longo da vida. Pessoas que também foram se encantando (ou não) pela escola ao longo do tempo. Pessoas que encontrei (ou não) por essa Unicamp, Campinas, São Paulo, Porto Alegre e Jaguariúna e que também continuam acreditando e cultivando as *possibilidades...*
A todos vocês, Muito Obrigada!

História da ressurreição do papagaio

O papagaio caiu no caldeirão que fumegava.

Espigou, ficou tonto e caiu.

Caiu de curioso, e se afogou na sopa quente.

A menina, que era amiga, chorou.

A laranja despiu-se de sua casca e ofereceu-se a ela, para consolar.

O fogo que ardia debaixo do caldeirão se arrependeu e se apagou.

Do muro, soltou-se uma pedra.

A árvore, inclinada sobre o muro, estremeceu de pena,

e todas as suas folhas foram ao chão.

Como todos os dias, o vento chegou para pentear a árvore frondosa,

e encontrou-a nua.

Quando o vento ficou sabendo o que havia acontecido,

deixou uma rajada escapar.

A rajada de vento abriu a janela,

andou sem rumo pelo mundo e foi para o céu.

Quando o céu soube da má notícia, ficou pálido.

E vendo o céu branco, ficou sem palavras.

O oleiro do Ceará quis saber.
Finalmente o homem recuperou a fala, e contou
que o papagaio havia se afogado
e a menina havia chorado
e a laranja havia se despido
e o fogo havia se apagado
e o muro havia perdido uma pedra
e a árvore havia perdido as folhas
e o vento havia perdido uma rajada
e a ventana havia sido aberta
e o céu havia ficado sem cor
e o homem sem palavras.

*Então o oleiro reuniu toda aquela tristeza.
E com esse material, suas mãos puderam fazer o morto renascer.
E o papagaio que brotou da tristeza,
teve penas vermelhas de fogo
e penas azuis de céu
e penas verdes das folhas da árvore
e um bico duro de pedra e dourado de laranja
e teve palavras humanas para dizer
e água das lágrimas para beber e se refrescar
e teve uma janela aberta para escapar
e voou numa rajada do vento.*

(Eduardo Galeano)

preâmbulos...

17 outubro

Hoje, dia da minha primeira ampliação fotográfica e, decididamente, eu **preciso** voltar para a sala de aula e/ou ter um contato de fato com a criançada. Velando, revelando, ampliando fotografias me dou conta que eu também estou cheia, lotada de imagens negativadas que precisam ser ampliadas para virem aos olhos, para virem à tona, sei lá! Mas é necessário! Por que se eu não as ampliar, simplesmente ficarão apenas no imaginário... As cores, as sombras, os tons, o movimento...

Vou para a sala da Moriza nem que seja apenas para passar uma manhã, dar uma olhada, ver quem são eles, o que é aquele lugar... Sei lá, nem que seja apenas uma manhã, só, sem compromisso (é possível?!). Vou xeretar... (...)

(supervisão) 18 outubro

(...) Foi construída a proposta (e possibilidade) de trabalhar com fotografia na sala da Moriza. Agora vou ter que, literalmente, revelar e ampliar as (minhas) imagens! Gostei! Na verdade não faço a menor idéia de como retornar isso para eles, mas beleza!

Uma coisa de cada vez...

Fotografar a Moriza, a sala e no final fazer o *ploc* com eles. Fácil e simples, espero que dê certo! Só tenho uma certa preocupação com o tumulto que a câmera pode causar...

Fácil e simples porque são coisas que sei fazer, ou domino de alguma maneira; mas fácil e simples de acontecer?! Boa pergunta... só indo para ver... (...)

(primeira conversa com a Profª. Moriza)

outubro
19

Dia bonito esse. Foi a segunda vez que fui ao Raul Pila **sozinha!!** e ando percebendo alguma coisa estranha (mas muito boa) vindo por aí...

(...) _ *Bom dia seu Antônio!*

Aí me dou conta que aquela escola “feia e suja” é feia e suja sim! Uma feiura e sujeira não apenas física, mas social, política, educativa e, porque não, pedagógica também. Mas que por um outro lado é possibilidade...

me dou conta que pela primeira vez, conscientemente, tenho prazer, sim, **prazer** em entrar naquele espaço! (...) Prazer com a possibilidade de

estar realizando naquele lugar coisas que gosto, coisas que acredito, coisas que humildemente, do meu jeito, tento e acho que talvez eu saiba fazer.

Prazer em estar na escola, prazer em voltar para a escola, prazer em estar indo para a sala de aula...

Percebo que o que antes me paralisava, hoje me move... me faz acordar cedo e ir até lá apenas para trocar duas palavrinhas com a professora e voltar. É isso!

outubro
20

(sala da Profª. Maura / roda de leitura)

23 outubro

(...) Fiquei na sala o tempo que a Moriza permaneceu. Ela distribuiu os trava-língua, o pessoal foi lendo, se divertindo e eu aproveitei para começar a fotografar... *Ninguém ligou. Ótimo! Vou continuar...* E continuei... Alguns notaram, fizeram um pouco de graça, mas eu nem liguei... Então desencanaram e eu continuei (...)

(...) Lá na sala tem um aluno grandão chamado Carlos.

Quando a Moriza me apresentou na 5ª feira ele já se fez notar, olhou desconfiado, chegou perto da porta, deu uns berros, mas beleza! Aí hoje, enquanto eu fotografava, ele ficou olhando de longe, absurdamente desconfiado!! Brincou dizendo: *Ô Dôna, não tira foto dele não! Vai queimar o filme! Fugia da minha lente e ao mesmo tempo eu dizia: quem disse que eu quero você? Não vou te fotografar!* Ponto para mim porque ele começou a desencanar pois não sabia o que eu focava nem quando eu fotografava! Mais do que nunca, nada melhor do que uma câmera sem flash, botões e barulho de máquina! Gostei! (...)

outubro
26

(sala da Profª. Maura)

(dia do Carlos!!!)

outubro
31

(...) Depois de um tempo, tocou o sinal e o pessoal da 4ª série saiu para o intervalo, e no meio daquele monte de criançada me apareceu o Carlos! Me viu de longe, chegou perto, estendeu a mão e disse: *E aí Dôna?! Ãããhhh?! O grandão veio me cumprimentar, é isso?! Pois é...*

(...) encontrei a Aline, ou melhor, ela me encontrou! Veio correndo dizer que havia desmontado o sapo, mas que não havia conseguido fazer um novo sozinha. Então perguntei se queria fazer(*-Agora!!*) e acabamos indo para a sala de aula e lá realizamos. Aos poucos foram aparecendo outros alunos e num minuto perdi todo o controle da situação! Zona geral!! Aí então a Moriza apareceu e ficou toda surpresa: *A Aline aqui!?!* e me convidou para ficar até o fim do dia. A aula começou, parei o origami e fui lá para o fundo. Aproveitei para fotografar um pouco e a medida em que os alunos iam terminando a atividade de matemática a Moriza ia liberando para sentar lá no fundo comigo. Me senti num cantinho Freinet! Ainda mais com a Gi ao lado! Aí o pessoal foi chegando e a gente foi fazendo, numa boa. Alguns me pediram para dar um sapo e eu como sempre, neguei! *Se quiser é só pegar o papel e aprender!* Essa é a minha fala “pronta”...

E foi muito legal a “atividade” e como os alunos foram se aproximando curiosos e topando a “novidade”! Aí então, abro um gigantesco parêntese para o Carlos! Primeiro para uma fala e depois para um processo...

A fala foi num momento em que fotografei um dos alunos fazendo origami: *Essa dôna é safada! Sempre pega a gente desprevinido!*

E o processo foi a perda de resistência dele. Primeiro ficou olhando de longe, dando risada, debochando mesmo! De todo mundo que estava dobrando papel comigo! Ficou olhando um tempão! De longe, folgado, jogado na carteira! Depois resolveu dar uma olhada para “verificar”! Ficou rodando, rodando ao redor de nós. Convidei. Ele não aceitou. Voltou para o lugar dele, ficou um tempo, se levantou novamente e se aproximou pelo outro lado da sala. Olhou, olhou, convidei, convidei e nada! Até que houve uma hora em que resolveu se sentar como se ninguém tivesse visto! Entreguei-lhe uma folha e ele fez uma cara do tipo *“vou aceitar mas quero deixar claro que não quero fazer”*. Ué, mas eu não estava obrigando! Por quê isso?! Enfim... ele resolveu fazer! Olhava de um lado para o outro, não deixava ninguém ajudar, muito menos ver o papel dele! Chegou a ser engraçado! Aos poucos suas mãos foram subindo, subindo, subindo... debaixo da mesa até a hora em que colocou o origami sobre ela. Foi ótimo! No final, estava aceitando a minha ajuda e a indicação dos outros. Não acreditei quando o vi se divertindo com o próprio sapo! Feliz, feliz, feliz! Sorrindo como eu nunca havia visto antes! Isso porque antes de terminar o próprio sapo, e ver o dos outros pulando, ele estava transbordando um encantamento que eu também nunca tinha visto antes! Foi muito bonito! No final, o sapo dele não pulava muito. A Gi disse que o sapo dele era preguiçoso como ele. O Carlos achou graça, deu risada! Foi ótimo! Inacreditável! Bonito mesmo! Na verdade, emocionante...

(...) compartilhar a história do Carlos e tentar entender algumas mil coisas... Como fazer do origami uma ação pedagógica? Que é diferente de pedagogizar... Como promover o diálogo e a troca através de uma atividade como essa? (...) e perceber que a fotografia está me fazendo buscar um outro olhar daquele espaço e, conseqüentemente, me proporcionando uma outra leitura daquele mesmo lugar de sempre, mas que a partir daí passa a ser diferente! Passa a ser outro! Passam a ser **detalhes!** O ZOOM!!!! Segundo a Roseli, os detalhes são as "*coisas poéticas...*". Bonito, né?! (...) para completar, houve uma insistência absurda para a história do Carlos virar texto, e/ou texto fotográfico... Gostei! Vamos ver... eu em hipótese alguma percebi que estava *registrando fotograficamente* esse caso todo... (...)

Caminhos e Descaminhos

"Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços.

Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me (...)"

João Guimarães Rosa, O Espelho.

Surpreendo-me ao retornar a um lugar sempre negado (e desacreditado) por mim durante toda a minha trajetória no curso de Pedagogia. Surpreendo-me ao retornar (e ocupar?) esse espaço com imenso prazer e lá encontrar (e produzir?) mais um caminho de (re)encontro, (re)descoberta, (re)criação e (re)significação de um conhecimento (e acesso) que se dá apenas, e tão somente, no processo de interação.

Certo dia, num momento de “origami” na sala de aula (4ª série da EMEF Raul Pila, Campinas/SP) percebo a presença desconfiada (e distante) de um dos alunos...

Aluno descrente e descontente com a escola e a sala de aula.	Estagiária que também não “produz”. Que também legitima o “não-lugar” do estagiário na escola.
Aluno desconfiado com a estagiária.	Estagiária que também não está a fim da escola, ou ainda, sabe apenas “ aquilo ” ela não quer...
Aluno que tumultua toda a situação.	
Aluno que não “produz”. Aluno que bagunça, que faz piada e barulho, que enche o saco, que simplesmente nunca está a fim... ou não sabe o que quer?	
Ou ainda, sabe apenas que “ aquilo ” ele não quer!	
Aluno que continua desconfiado com a estagiária. Para que ficar dobrando papel? Mas resolve se levantar e ver mais de perto... Aluno dá risada, é debochado! Aluno acha graça naquela bobagem toda de papel... que tal tumultuar? Que tal acrescentar um pouco de barulho?	Estagiária também resolve aproximar-se da situação... Que tal encarar mais uma vez a escola e a sala de aula? Curiosidade é algo infinito e demora a desaparecer...
Aluno, então, resolve parar para ver.	Estagiária, resolve entrar para xeretar...
Aluno desencana e vai embora!	Estagiária, também!!!
Aluno se incomoda com tanta “alegria” dos outros e resolve voltar novamente. Agora, pelo outro lado da sala... meio despercebido e sorrateiro...	Estagiária também resolve insistir mais um pouquinho! Estagiária também retorna de uma outra forma e para um outro lugar.

Aluno pára para ver as diversas manifestações... mãos, papéis, tamanho, forma, tudo em movimento...

Estagiária porém, pára para ver, olhar, mexer e sentir os livros, muitos livros, aliás! Uma biblioteca inteira!

Mas os dois resolvem afastar-se novamente...

Aluno volta a ficar "divagando" pela sala.

Estagiária, mais uma vez, continua buscando um espaço de identificação na escola.

Aluno é convidado a juntar-se aos demais. Nega. Não aceita, não quer (ou diz que não quer?)

Estagiária se aproxima da direção, passa a compreender melhor diversos movimentos, mas continua achando que não é isso...

"Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo." *

Aluno volta a aproximar-se. Dessa vez, nota a movimentação das mãos e dos dedos dos outros... Percebe que essas mãos e dedos, ao se movimentarem sobre o papel e o dobrarem, produzem coisas...

Estagiária porém, após se aproximar da sala de aula, biblioteca e direção, agora encontra o TD ¹ e percebe que talvez isso faça sentido... Trabalho conjunto, diálogo, troca, (re)elaboração constante...

Mas como acompanhar/participar de um TD se não estou na sala de aula?

Aluno é convidado novamente a sentar-se. Demora a dar um retorno...

Estagiária é convidada a participar, trocar, dialogar. Demora a entender...

Aluno resolve sentar-se de mansinho sem ninguém perceber!

Estagiária resolve encarar e se sentar quietinha junto com os demais professores e estagiárias.

¹ Trabalho docente: Reunião semanal dos professores de uma mesma série, juntamente com a orientadora pedagógica, para discussão, avaliação, organização e elaboração do trabalho.

Aluno recebe uma folha de papel,
olha de um lado, olha do outro.
Mas, o que eu faço com isso?

Estagiária se encanta com a
possibilidade de trabalhar em parceria
com o professor, mas como começar?

Aluno percebe que suas mãos
e dedos, de repente, também
podem movimentar-se e
produzirem coisas...

Estagiária passa a perceber que o
estagiário tem seu papel e pode
(por que, não?) contribuir no trabalho
(e processo) do professor em atuação.

Aluno resolve começar quieto,
sozinho e com a folha escondida
debaixo da mesa.

Estagiária também resolve inserir-se em
silêncio mas acompanhada de diversas
outras estagiárias igualmente encantadas
e cheias de esperança.

Aluno continua tentando iniciar o
manuseio do papel que ainda está
debaixo da mesa.

Estagiária continua procurando seu
caminho (e identificação) dentro do TD.
Sinto falta da criançada...

Aluno se contorce de todas as
maneiras de modo a conseguir
iniciar a dobradura sozinho.

Estagiária tenta contorcer-se de modo
a superar a vontade de ir ao encontro
dos alunos menores.

Alguma voz traz incômodo aos dois...

Aluno está sendo abordado
constantemente: você está
conseguindo? Quer ou está
precisando de alguma ajuda?
Que tal fazer assim?

Estagiária ouve uma voz convidativa,
que encanta e instiga ainda mais a
curiosidade: que tal voltar para
a sala de aula?
Que tal ir ao encontro...

Negam mais uma vez. Ouvem mas não escutam...

***“E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem,
desfeitos com que cresceram e se afizeram, mais e mais.” ****

Aluno ainda com o papel debaixo da mesa, começa a conseguir fazer com toda dificuldade que se possa imaginar, mas não aceita ouvir a voz.

Estagiária faz uma viagem, conhece outras possibilidades, volta contagiada mas não assume que a voz chama, encanta, toma corpo e conta do espaço...

Aluno começa a dar a ver suas primeiras tentativas, mas não mostra, não sai debaixo da mesa.

Estagiária começa a sentir que mais uma vez não se identifica... Mas mais uma vez organiza-se para o próximo TD.

Aluno começa a levantar mais a dobradura.

Estagiária começa a enveredar por outros caminhos.

Os dois voltam a ouvir a mesma voz...

Aluno aceita a abordagem.

Estagiária aceita o convite.

Aluno ainda não se apoiou na mesa, mas já deixa outras mãos e dedos indicarem o caminho.

Estagiária se permite à curiosidade e ao encantamento.

Aluno utiliza a mesa como apoio por um único momento, recua.

Estagiária está quase decidida a mudar tudo novamente, conversa.

Aluno quase coloca a dobradura sobre a mesa.

Estagiária marca um outro encontro. Pensa e reflete.

O aluno definitivamente coloca a dobradura sobre a mesa!

E a estagiária retorna a sala de aula!

Aluno e estagiária se encontram!

Olhos com olhos, dedos com dedos, mãos com mãos, em infinitos movimentos...

“E era – logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação? Desde aí, comecei a procurar-me – ao eu por detrás de mim – à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu fume frio” *

A dobradura, que antes era apenas um papel dobrado, aos poucos vai tomando forma, tamanho, movimento... e transforma-se num sapo que pula, dá cambalhota e faz surgir diversos novos sorrisos!
A sala de aula passa a ser um local de produção, troca e descoberta de infinitos potenciais e possibilidades!
Além do encontro entre alunos e estagiárias...

“Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minhas emoções? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa?” *

* ROSA, João Guimarães. O espelho. In: Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

(...) desnudez é isso, esse corpo a corpo pode ser isso, que é fazê-los (e eu também) olhar e se olhar, que é pegar a fotografia e se olhar através dela, é ver o outro através dela também. Porque de repente, mais do que a fala, acredito que outros elementos (elementos concretos mesmo) levam ao distanciamento e produzem o olhar ao redor.

Penso que para mostrar e desnudar não é necessário ir tão longe, pensar no MUNDO, mas olhar ao redor, o “em-torno”. E perceber que nossos dedos funcionam, que dobram coisas e produzem outras coisas. Que os dedos dos outros também funcionam e produzem outras coisas mais, que são diferentes das minhas, mas que talvez se complementam ou não, que talvez me mostrem outros confrontos e olhares.

(...) perceber-se “produtor”, perceber-se “funcionando”, perceber-se capaz de produzir coisas e coisas novas, indica-nos vida, alma, ânima ou sei lá qual o nome que se queira dar! E ao nos indicar isso, nos percebemos parte de um mundo transformador e em funcionamento, que nos mostra a complexidade das relações, dos processos, etc. (...)

07
novembro

(...) uma cena eterna para a minha memória: nós nos despedindo, caminhando para a rua e toda aquela gente sorrindo e acenando... quando me dou conta, são os alunos com um sorriso gigante no rosto, carregando o balão cheio na mão como se fosse um tesouro, com todo cuidado do mundo para não amassá-lo e, com a outra mão, acenando... que imagem bonita!! E uma outra imagem especial com enquadramento e tudo, é uma aluna segurando o balão numa mão, na outra o material e com um sorriso absurdamente gigante dizendo "tchau! Até 3ª feira que vem!" Ao mesmo tempo, denunciando não ter uma terceira mão disponível para acenar... Olhar profundo, sorriso infinito... Obrigada! E me desculpe por não saber seu nome...

"... elas trazem ou levam consigo emoções fortes, angústias, anseios, paixões, etc.; principalmente etc. "

(Ivan Vilela e Rodrigo Campos)



(...) a segunda coisa foi o Seu Antônio dizendo: *A Dôna Denise é muito cuidadosa!!* todo orgulhoso e falando com todo carinho do mundo sobre ela, o trabalho dela e se referindo aos azulejos azuis com peixinhos que foram colocados na parede do bebedouro. Bela cena ele passando as mãos na parede nova! Tá fotografado!!! (na memória...)

E é nessa mesma memória em que vou buscar meus primeiros registros fotográficos acerca da escola. Registros traduzidos em palavras, imagens, emoções, aceitação, recusa e, principalmente, muito incômodo... Lá encontro memórias de uma escola reprodutora, opressora, suja, negada, desacreditada, e que denuncia a todo instante o descaso e suas situações-limites de vida e sobrevivência. Mas por outro lado, é essa mesma escola que também produz, instiga, ocupa e é ocupada por diferentes vidas, vontades, desejos, cores, sons, cheiros, movimentos e, principalmente, *possibilidades*... Possibilidades que ali acontecem e se fazem acontecer. Possibilidades que nos fogem à percepção no cotidiano escolar massacrante, produtor e reprodutor.

convite...

Ver, olhar, enxergar... Partir do panorama e aos poucos ir recortando as diversas, diversas e infinitas imagens que o mundo em ação nos oferece. Traduzi-las num pequeno e único movimento de ajustes e aperto de botão. A partir disso, eternizá-las. Paralisar num instante a imensidão que nos é oferecida e por nós realizada.

“A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, a um espaço que lhe percorre inconscientemente”²

Emocionarmo-nos diante desse passado que “em comunhão com o presente, se conectam e se entrecruzam”³; metamorfoseando, elaborando e proporcionando uma outra leitura...

Através da lente da câmara fotográfica, antes de tudo, resignifico meu próprio olhar. Aumento e diminuo o zoom, modifico o foco e passo a enxergar com maior nitidez e amplidão cada imagem, seus detalhes e possibilidades.

“O olhar então implicava descobrir um sentido que se tomava por dado nos indivíduos, relações e paisagens (...). Como se constitui aquilo que hoje se apresenta ao nosso olhar?”⁴

Pés, mãos, vozes, corpos, cheiros, sons, cores, espaços... Sem donos?
Na realidade, fragmentos de diferentes sujeitos, cada qual ao seu momento e movimento.

Sujeitos que ocupam o mesmo espaço e que, ao mesmo tempo, são ocupados por outros sujeitos que vão ao seu encontro. Que escola é essa que queremos? Que escola é essa que vai se constituindo nos (des)encontros e embates do cotidiano?

² BENJAMIM, Walter. *Pequena história da fotografia*. In: *Obras escolhidas – vol. I Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

³ MARQUES, Mario Osório e GRZYBOWSKI, Lourdes Carvalho. *História visual da formação de Ijuí, Rio Grande do Sul*. Ijuí: UNIJUÍ Editora, 1990.

⁴ PEIXOTO, Nelson, Brissac. *O olhar do estrangeiro*. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

O João que acredita na magia do teatro e no nariz de palhaço, ou ainda, num refeitório teatral... em que se possa brincar, sonhar, desejar e acreditar numa vida com encanto, música, arte e muita poesia.

A Gi(sleine) que acredita na ação a partir da sala de aula.

A Pri(scila) que acredita na roda de leitura, na literatura, no conhecer e desbravar o mundo através da arte literária... num espaço e suporte em que se tenha voz e que se possa ocupá-lo e atuar como protagonistas de falas, vontades, desejos e sonhos.

As professoras que num determinado momento, acreditaram das “meninas estagiárias”; aceitaram as intervenções no espaço que lhes “pertencia”, proporcionando a mediação entre as práticas ali produzidas e os diversos atores presentes.

O professor Marcos que também acreditou, aceitou essas intervenções e que continua instigando muitos outros e outras que participam de sua prática. Como não lembrar do trabalho sobre racismo e discriminação e das bandeiras ali imaginadas, criadas e produzidas?

O Betinho que sonha com uma escola mais bonita. Que cuida das plantas e flores, que limpa a escola e come a merenda com muito gosto.

Os meninos e meninas que desejam desenhar e pintar mas que pedem ajuda para começar... *Não somos alfabetizados nessa linguagem...*

O Cléber que lê as imagens e palavras dos livros como se fossem suas, e aos poucos vai escrevendo e contando sua própria história.

Logo ali adiante, outros meninos se divertem pela escola. Todo espaço é para ser ocupado e toda hora é hora para se criar uma nova brincadeira.

A diretora contadôra de histórias que também acredita na magia das palavras e da literatura. Ensina diariamente (e poeticamente) coisas da/para vida às diversas pessoas que vai encontrando em seu caminho e em sua prática pedagógica-literária-poética; como numa grande ciranda que vai crescendo quanto mais vozes soarem.

Por fim, eu que passei por esses espaços e no final cultivei a imagem, o olhar e o ato fotográfico sobre esses muitos lugares e sujeitos.

Diferentes vozes, diferentes corpos, diferentes sons, movimentos e espaços que, em certa medida, podem ser compreendidos como uma imensa colcha de retalhos fragmentada e obscura, mas que é costurada, percorrida, transformada e resignificada pelos diversos alunos ali presentes – os principais sujeitos dessa trajetória.

Que escola é essa que eles desejam? Que escola é essa que nós desejamos? E diante desses diferentes retalhos e fragmentos, somos nós, alunos, estagiárias e professores, mesmo a revelia, que os costuramos e vamos compondo aos poucos uma colcha em que se possa sonhar, acreditar e percebê-lo como um espaço de singularidades em que, a negação e a possibilidade, se fazem presentes diante das fragmentações que compõem um todo social e pedagógico.

“Todo direito da gente tem avesso, assim como toda sombra tem luz”

Eva Furnari

E brincando com sombras e luzes, colorido e preto e branco, sorrisos e caras feias, gente grande e pequena; dei início a uma brincadeira fotográfica que depois foi denominada de ensaio fotográfico, mesmo não sabendo o real significado do termo... Por que *ensaio* fotográfico?

Vou em busca do significado e sentido da palavra *ensaio* e encontro a *experiência*... Encontro também a leitura e o uso que Larrosa faz do termo. Compreendo que a experiência perpassa necessariamente pela vivência, pelo experimentar-se, por narrar o vivido, por deslocar-se e poder olhar o vivido...

Experimentar e experienciar me leva a perceber que o erro faz parte do processo e, no caso da fotografia, o domínio e a qualidade técnica se aprimoram ao longo do percurso e dialogam com o olhar emocionado de quem fotografa e é fotografado.

Deixo registrado que a primazia técnica das imagens não foi prioridade ao longo do processo de seleção e depuração. Mas sim, o que essas imagens, espaços, cores, vozes e movimentos pudessem suscitar enquanto singularidade de acontecimentos, gestos e apropriações no espaço escolar.

Imagens e olhares que nos emocionem e nos levem a ver/crer nas infinitas possibilidades de ação, negação e intervenção. Compreender as diferentes vozes que ali existem. Bem como, trazer aos nossos olhos, diferentes outros e outras sempre tão presentes em nossas falas, tão importantes no nosso processo de formação no curso de Pedagogia e tão responsáveis por proporcionarem tantos encontros...

Aqui, faço o convite para percorrermos juntos essas imagens e olhares como quem chega a um lugar tão conhecido/pouco conhecido. Que a leitura "imagética" nos leve a novos encontros e desencontros, que nos permitam conhecer essas pessoas e termos vontade de voltar para dizer "Até breve..."

Crianças e jovens, filhos dessa realidade tão diversa/perversa/encantadora; que carregam consigo sorrisos infinitos que insistem em sobreviver e encantar quem os encontra...

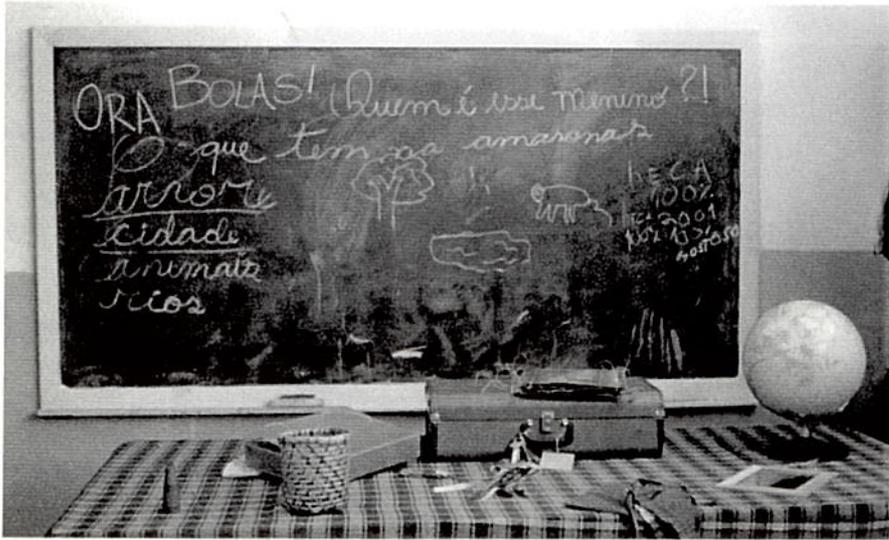




"(...) tentar conhecer um objeto pela sua fotografia é como lidar, simultaneamente, com a multiplicidade de olhares dos sujeitos envolvidos no ato de fotografar, no ato de se deixar fotografar e na ação de, pelo próprio olhar, compreender a realidade da imagem e a imagem da realidade (...)"

(Maria Ciavatta Franco)

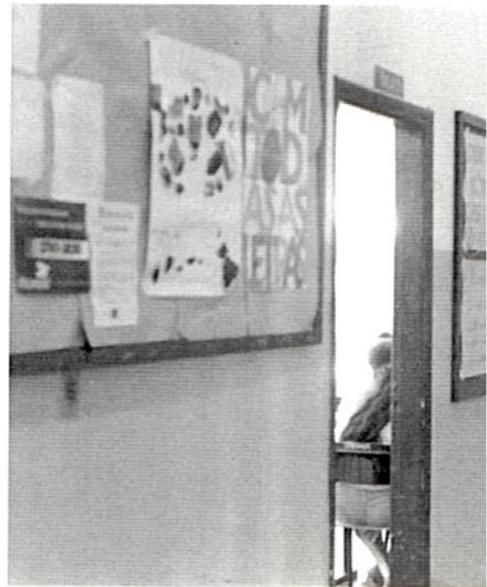
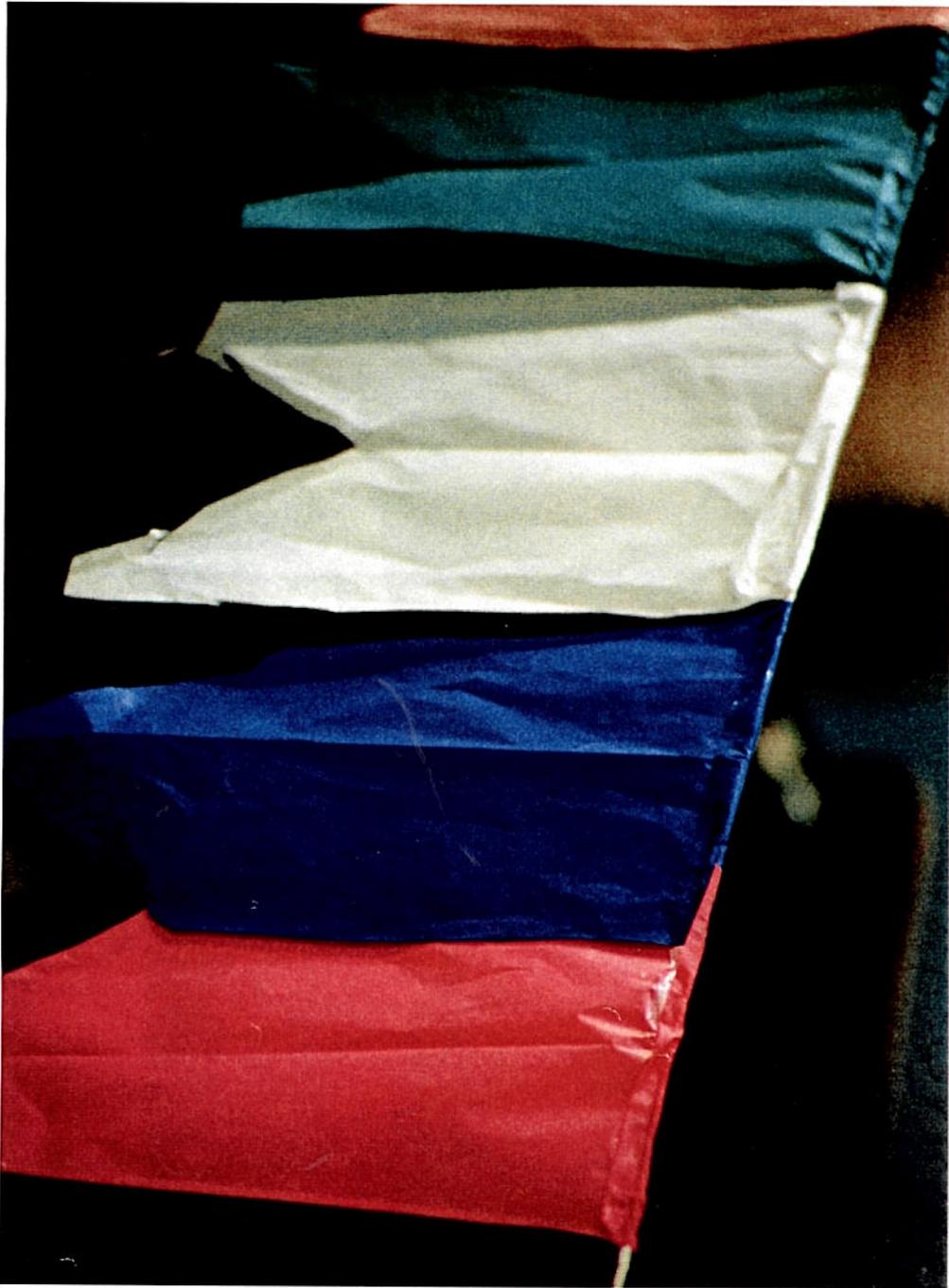


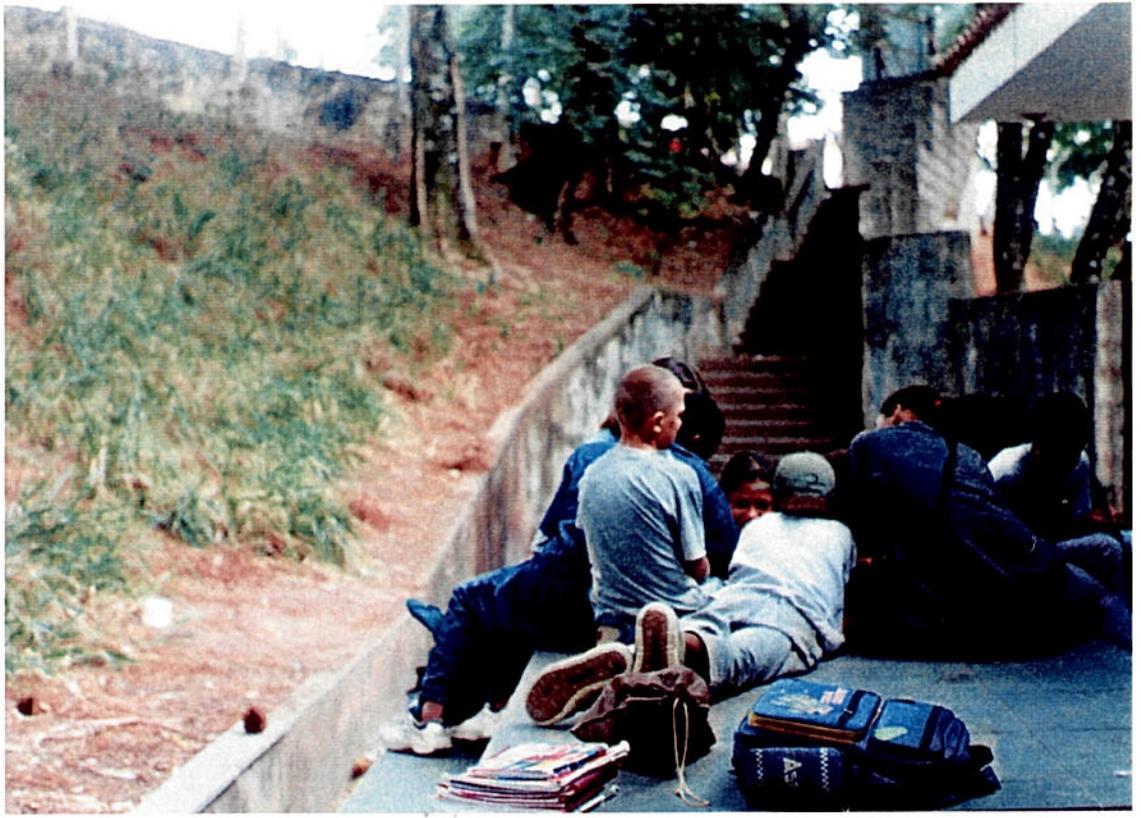


"Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima."

João Guimarães Rosa

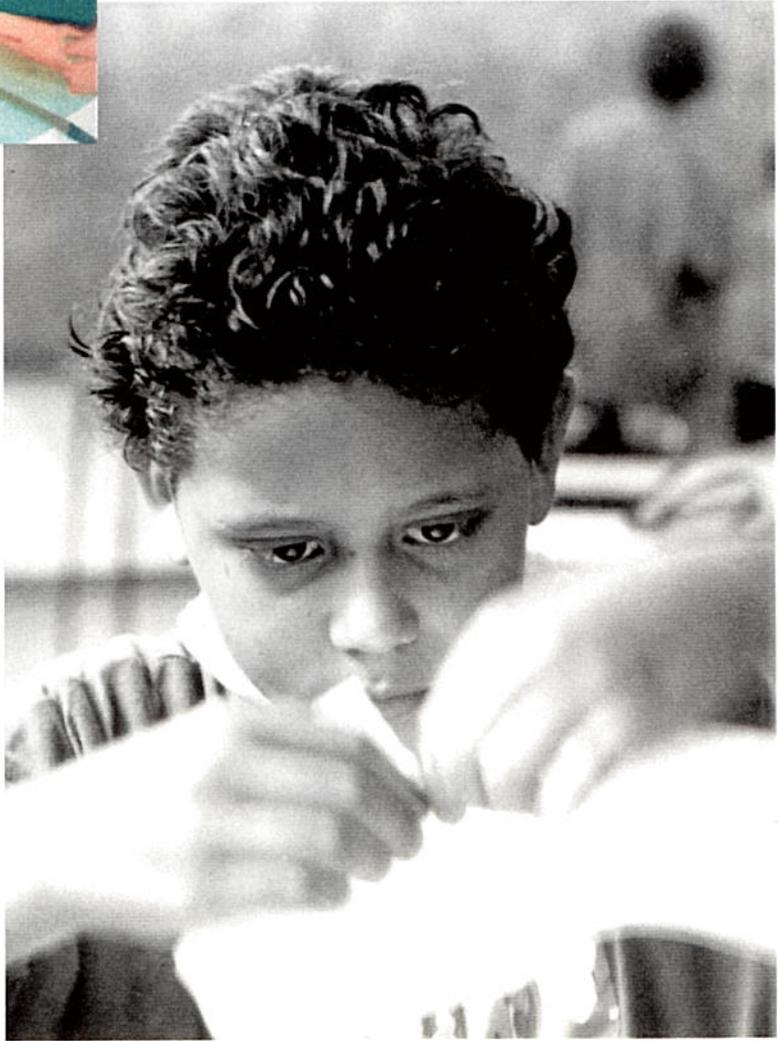


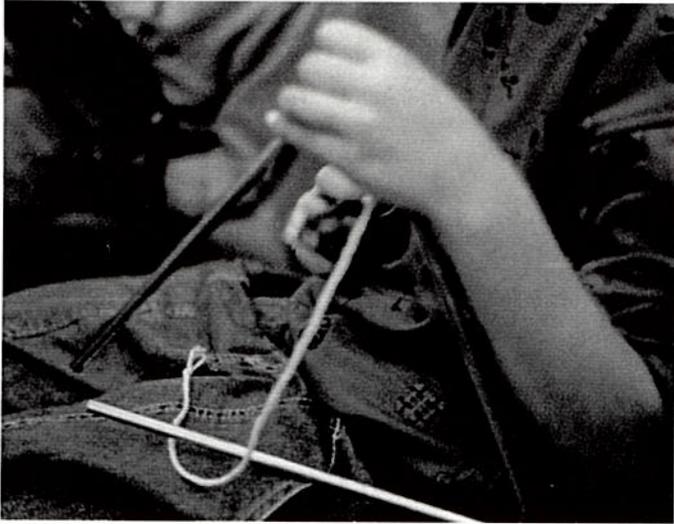




"Veja que a mão humana
é tremendamente cultural.

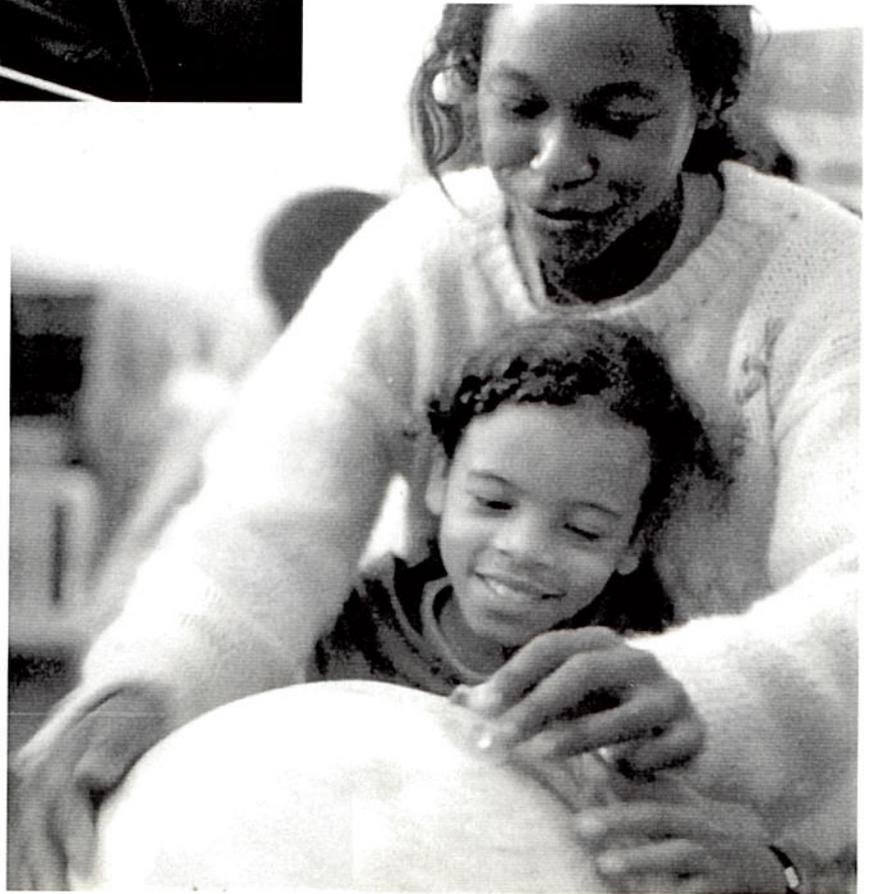






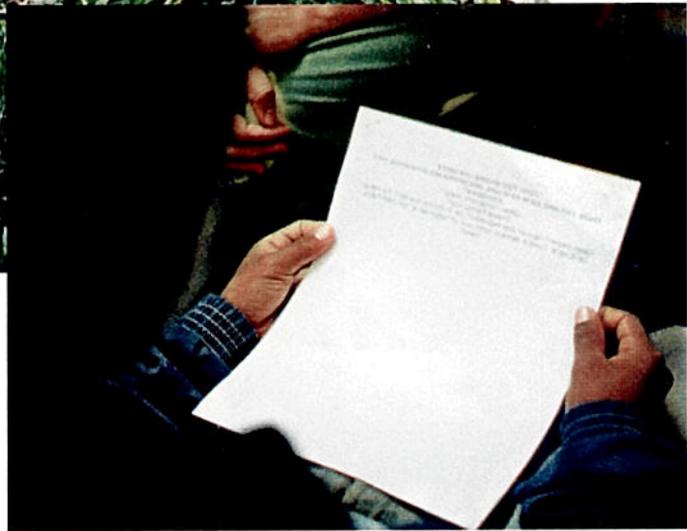
Ela é fazedora,

ela é sensibilidade,





ela é visibilidade;





a mão faz proposta,



a mão idealiza,



a mão pensa e ajeita."

(Paulo Freire e Adriano Nogueira)





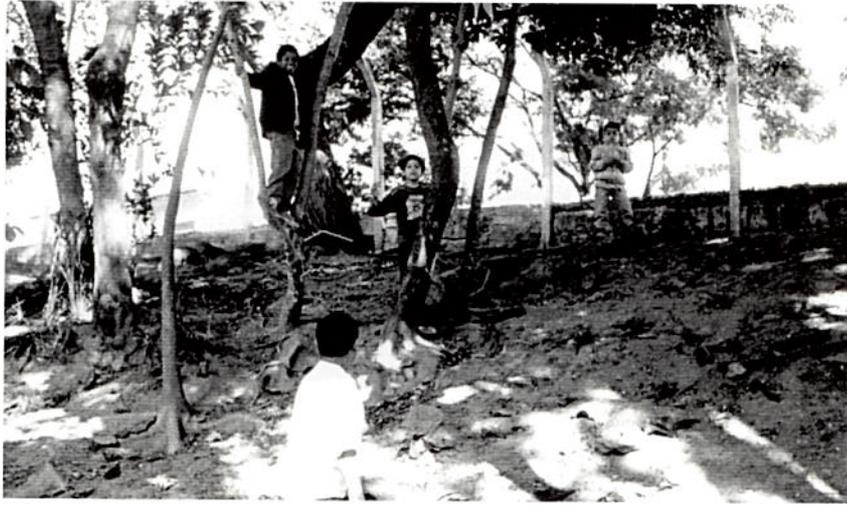


*"Semelhava que por
saberem que no outro dia
princiava o peso da vida, os
companheiros queriam só
pular, rir e gozar seu exato"*

(João Guimarães Rosa)







VÔOS de outono

*"Sê isto:
um belo pombo que pousa certo
Repousa após árdua jornada... adentro
E ao pousar, asas abertas, peito aberto
Que choça: íntima aflição do encontro!"*





*O instante do pouso agora revelado
Asas, peito aberto, aflição contida
Sê isto: uma pomba que pouso, cansada
Quase choça: íntimo impacto, bonita!"*

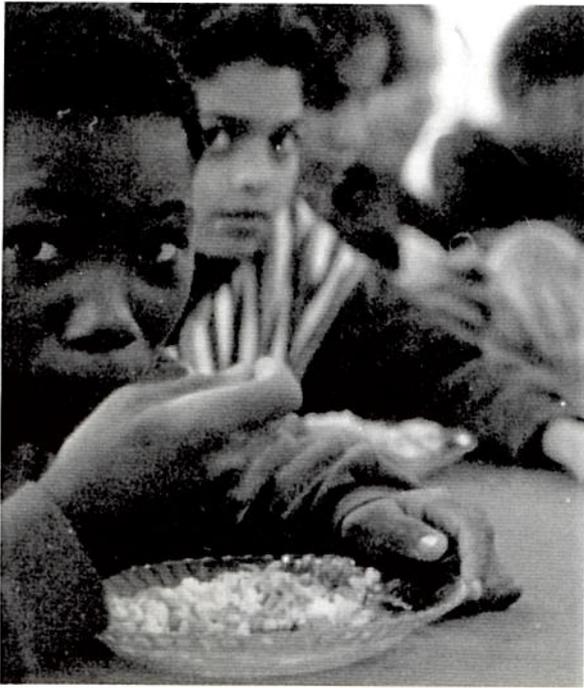
(Peggy Carvalho)





a gente quer comida, diversã

"A gente não quer só comida,



e arte (...)

desejo, necessidade, vontade..."

Titãs

— Gosto de foto preto e branco porque é chique.
(aluno da 6ª série)



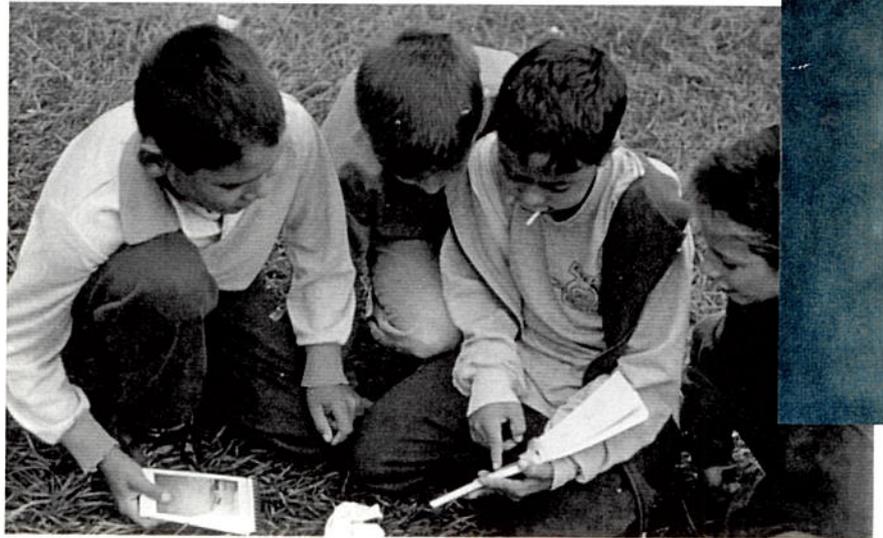
— Tã pobre hein Dôna! Tudo preto e branco!
(Jackson, aluno da 5ª série)





*"Queria
novidade
quieta
para meus
olhos."*

João Guimarães Rosa



Ver-se através do outro



Ver-se através do outro...
ou seria ver-se através de si próprio?
Que mágica é esta que esse papel nos proporciona?

Seria um espelho?

Seria um espelho do olhar?

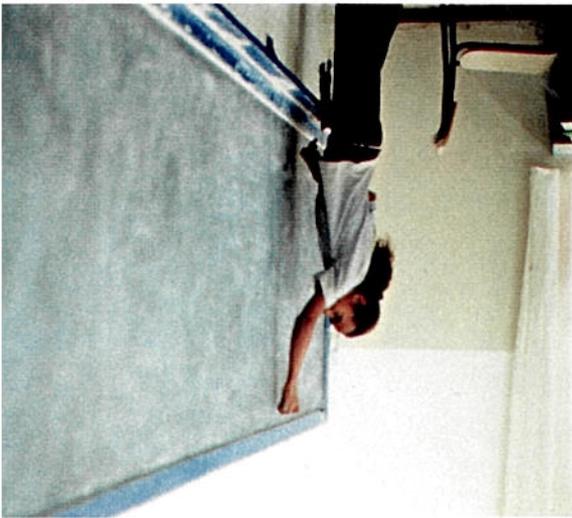
Mas... de nós mesmos ou do mundo?

Seria um espelho do olhar?

Seria um espelho do olhar?

Que mágica é esta que esse papel nos proporciona?
Ver-se através de si próprio?

Ver-se através do outro...



Seria um espelho?

"Cada pessoa é um olhar lançado ao mundo e um objeto visível ao olhar do mundo."



da corpo dispõe de um jeito de olhar que lhe é próprio
essa particularidade condiciona também sua visibilidade
no corpo diferente dos outros."

(Leila Perrone-Moisés)





"Eu atravesso as coisas

- e no meio da travessia não vejo! -

só estava era entretido na idéia dos lugares

de saída e de chegada.



*ssaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa;
mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo,*





*bem diverso do em que primeiro se pensou.
Viver nem não é muito perigoso?"*

(João Guimarães Rosa)

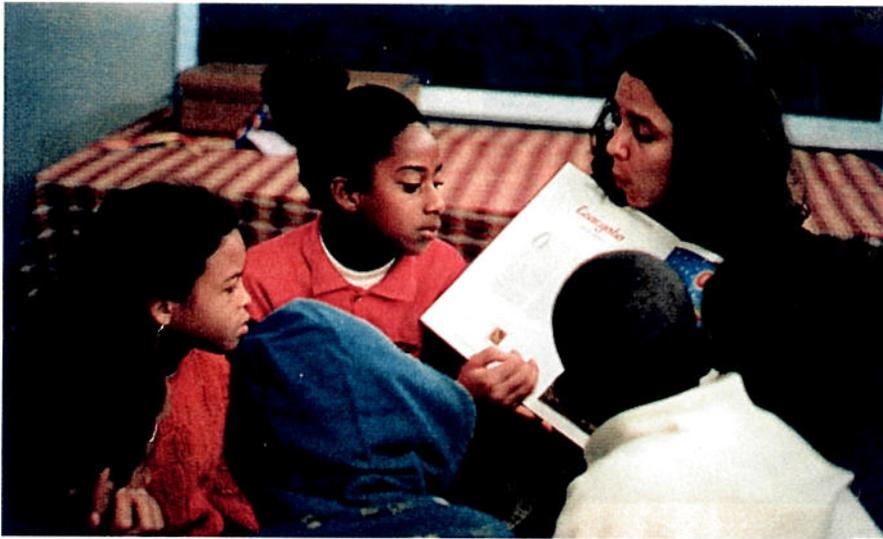






... no fundo da escola existe uma vovozinha que faz poesia com as mãos; seja com as dela ou as que estão ao seu redor. Faz poesia com papel, cola, tesoura, durex e com as histórias de uma terra distante... Horas e horas dobrando, recortando e colando. Todos os dias tudo se repete: pedidos são feitos e atendidos, materiais são postos, mãos se movimentam, sorrisos brotam e os imaginários alçam vôo...





*"Como se fora brincadeira de roda - memória
Jogo do trabalho na dança das mãos - macias
o suor dos corpos na canção da vida - história
o suor da vida no calor de irmãos - magia*







Como um animal que sabe da floresta – memória

Redescobrir o sal que está na própria pele – macias

Redescobrir o doce no lambeir das línguas – macias

Redescobrir o gosto e o sabor da festa – magia

Entender que tudo é nosso sempre esteve em nós – *história*

Somos a semente, ato, mente e voz – *magia*

Não tenha medo meu menino povo – *memória*

Tudo principia na própria pessoa – *beleza*

Vai como uma criança que não teme o *tempo* – *mistério*”

(Gonzaguinha)



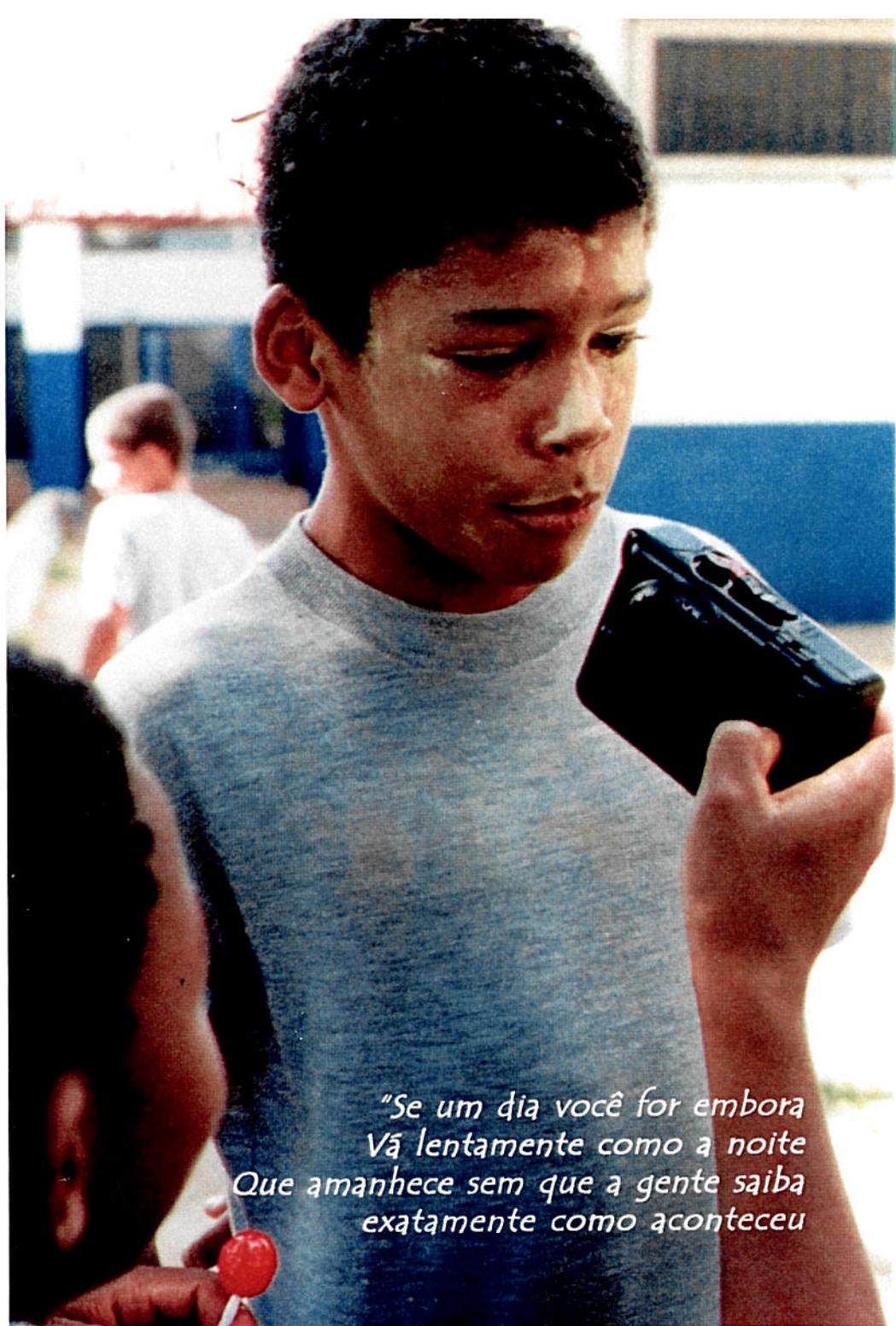
"Entre o ver e o olhar, é a própria configuração do mundo que se transforma."

(Sérgio Cardoso)









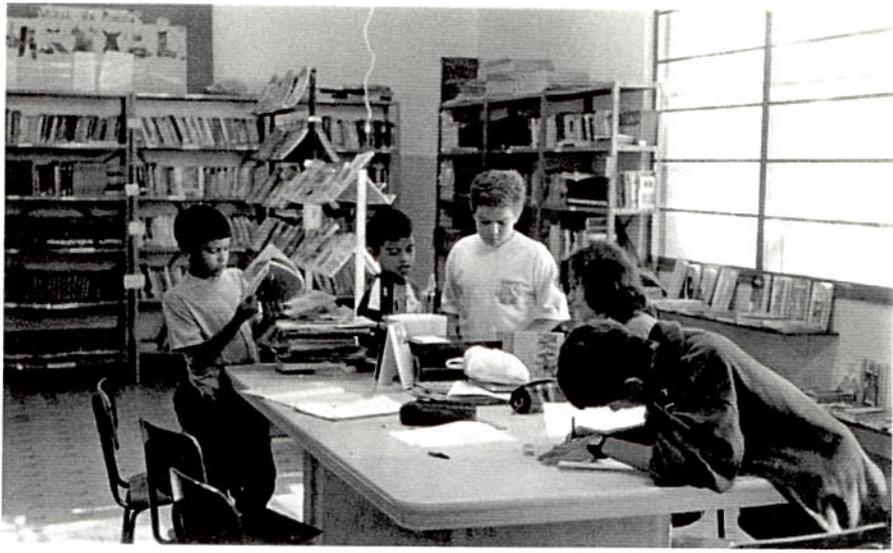
*"Se um dia você for embora
Vã lentamente como a noite
Que amanhece sem que a gente saiba
exatamente como aconteceu*



*Se um dia você for embora
Ria se teu coração pedir
Chore se teu coração mandar
Mas não esconda nada que nada se esconde
Se por acaso um dia você for embora
Leve o menino que você é."*

(Danilo Caymmi e Ana Terra)





CLICK!

A repulsa é a primeira reação.
Paralisa, estranha... Não se
identifica? Não se reconhece?

CLICK!

_ Ficou bonito, né?!

CLICK!

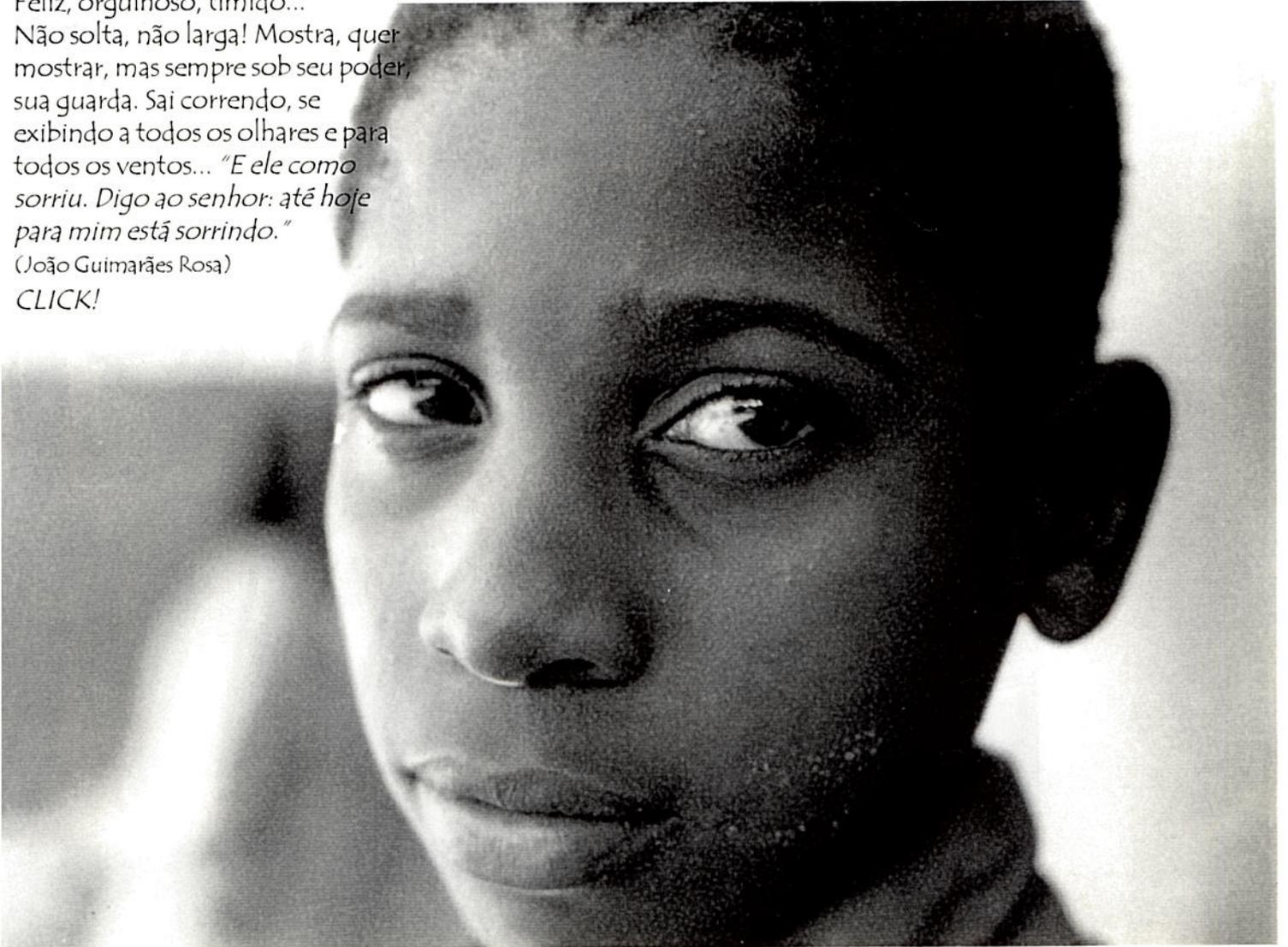
Então abre um sorriso gigante!

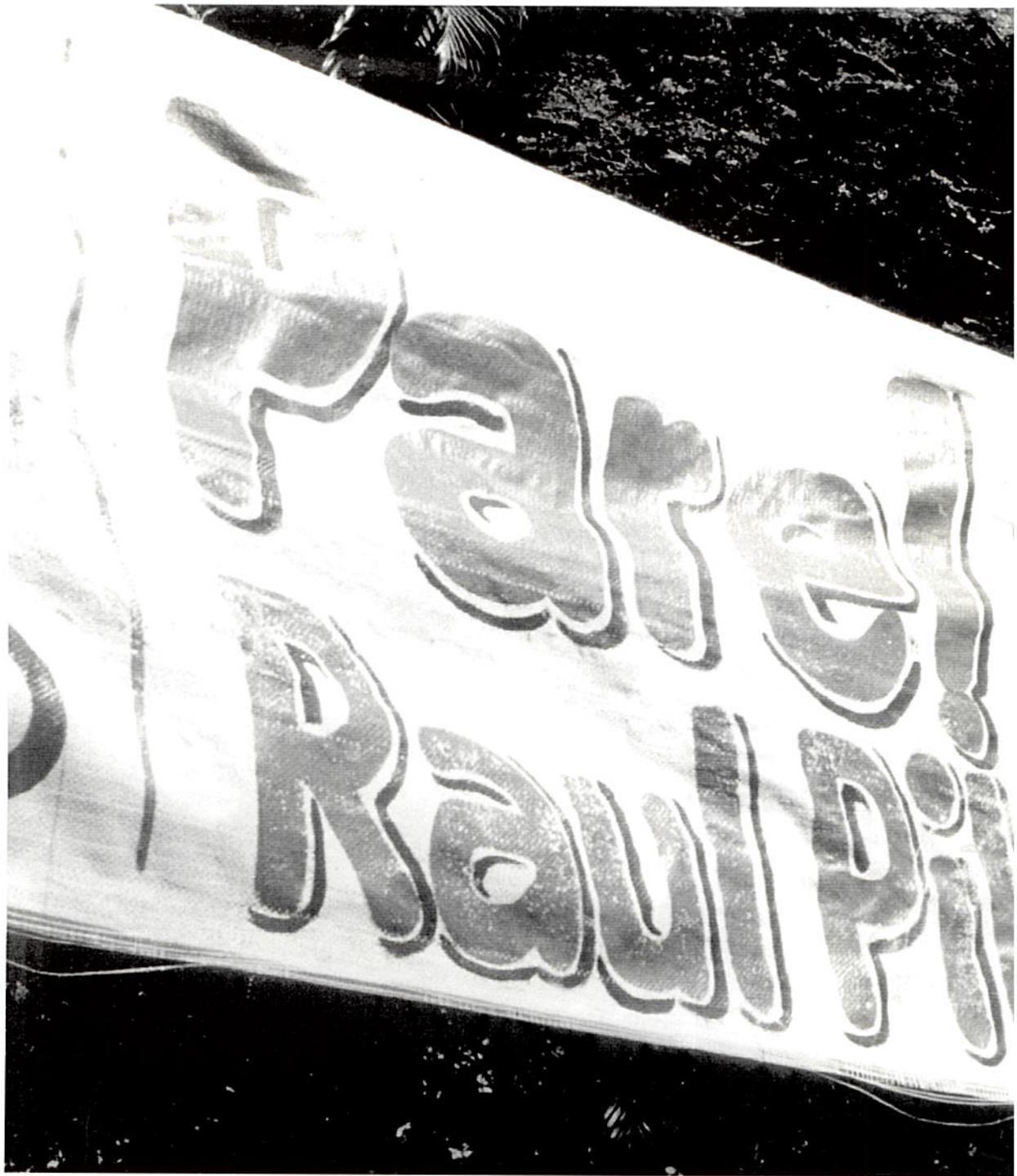
Feliz, orgulhoso, tímido...

Não solta, não larga! Mostra, quer
mostrar, mas sempre sob seu poder,
sua guarda. Sai correndo, se
exibindo a todos os olhares e para
todos os ventos... "E ele como
sorriu. Digo ao senhor: até hoje
para mim está sorrindo."

(João Guimarães Rosa)

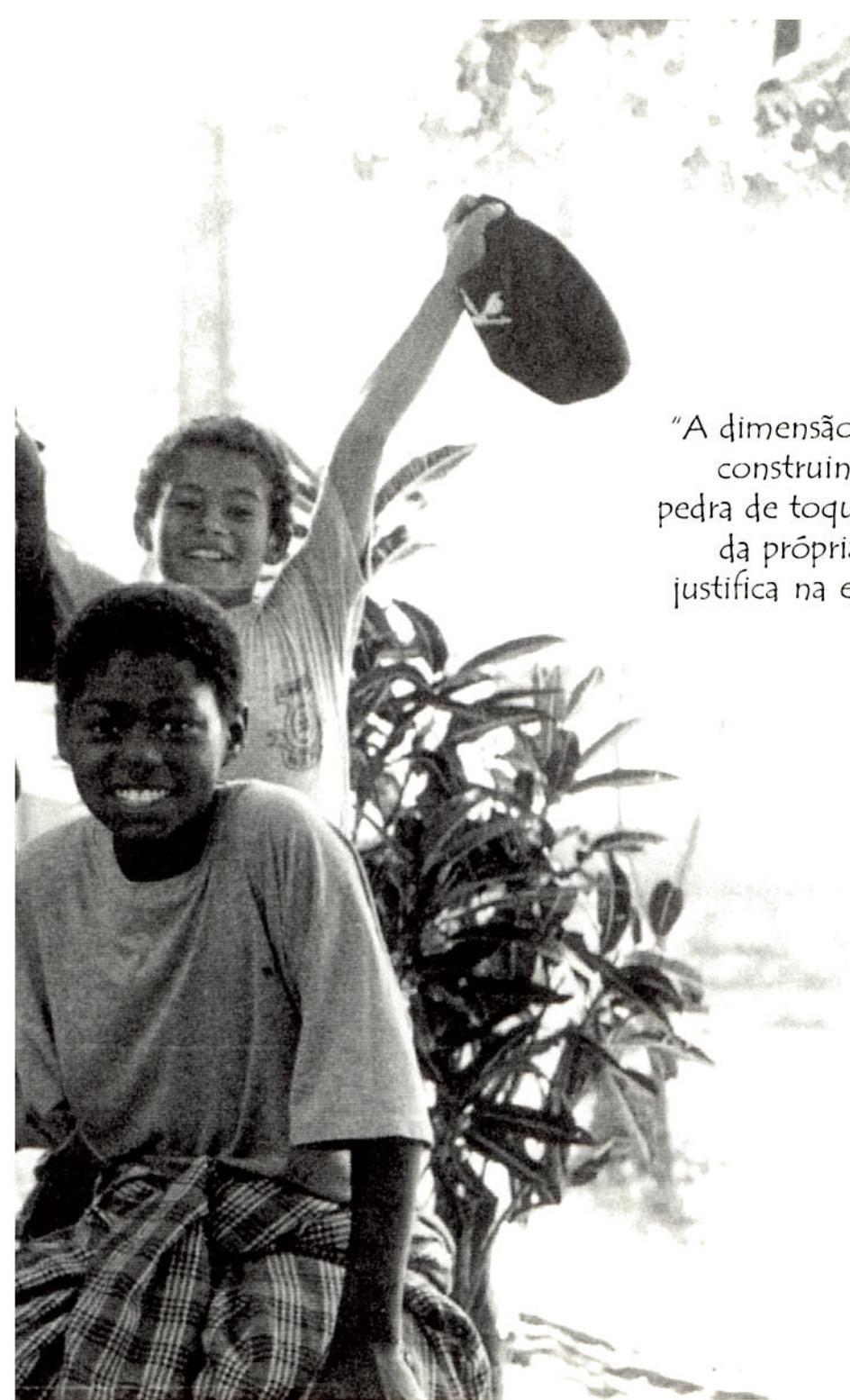
CLICK!







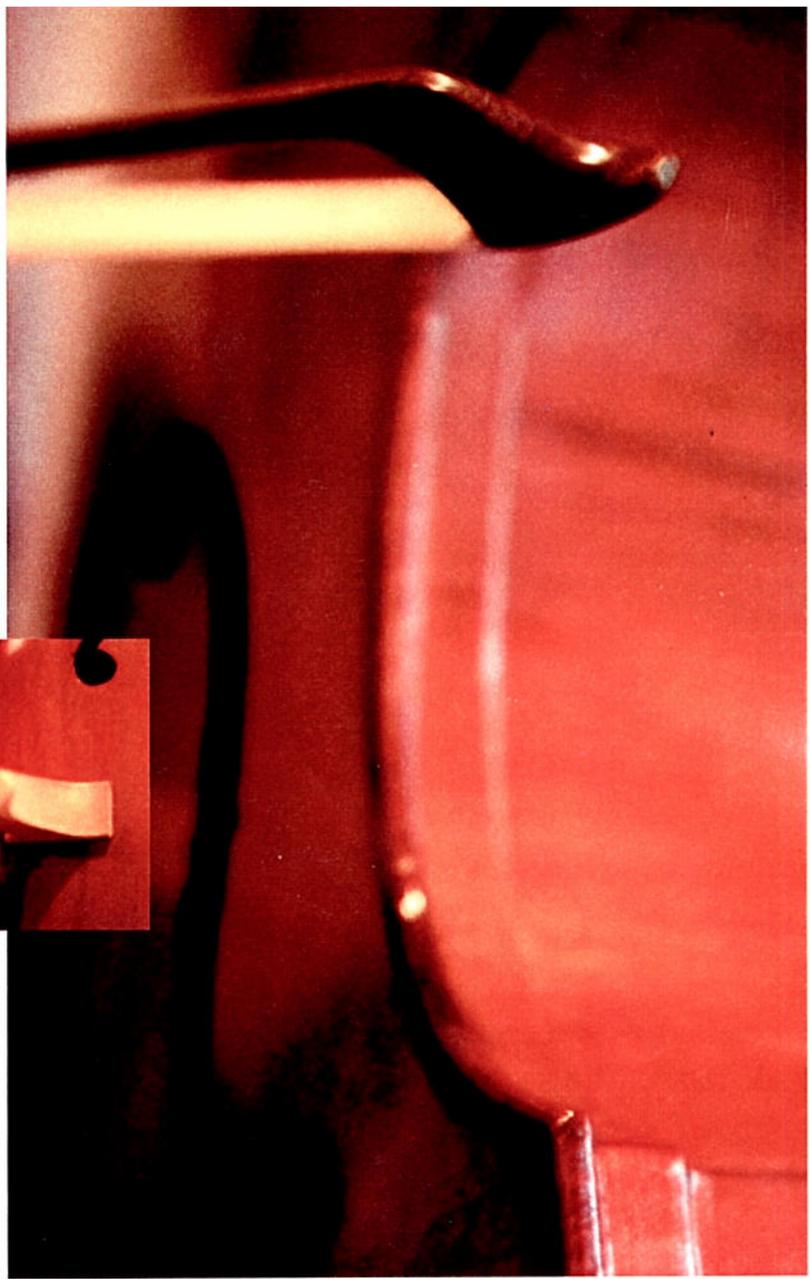




"A dimensão de um futuro que se vai construindo ainda no presente é a pedra de toque, não da esperança, mas da própria certeza de que a vida se justifica na expectativa do vindouro."

(Nilma Gonçalves Lacerda)

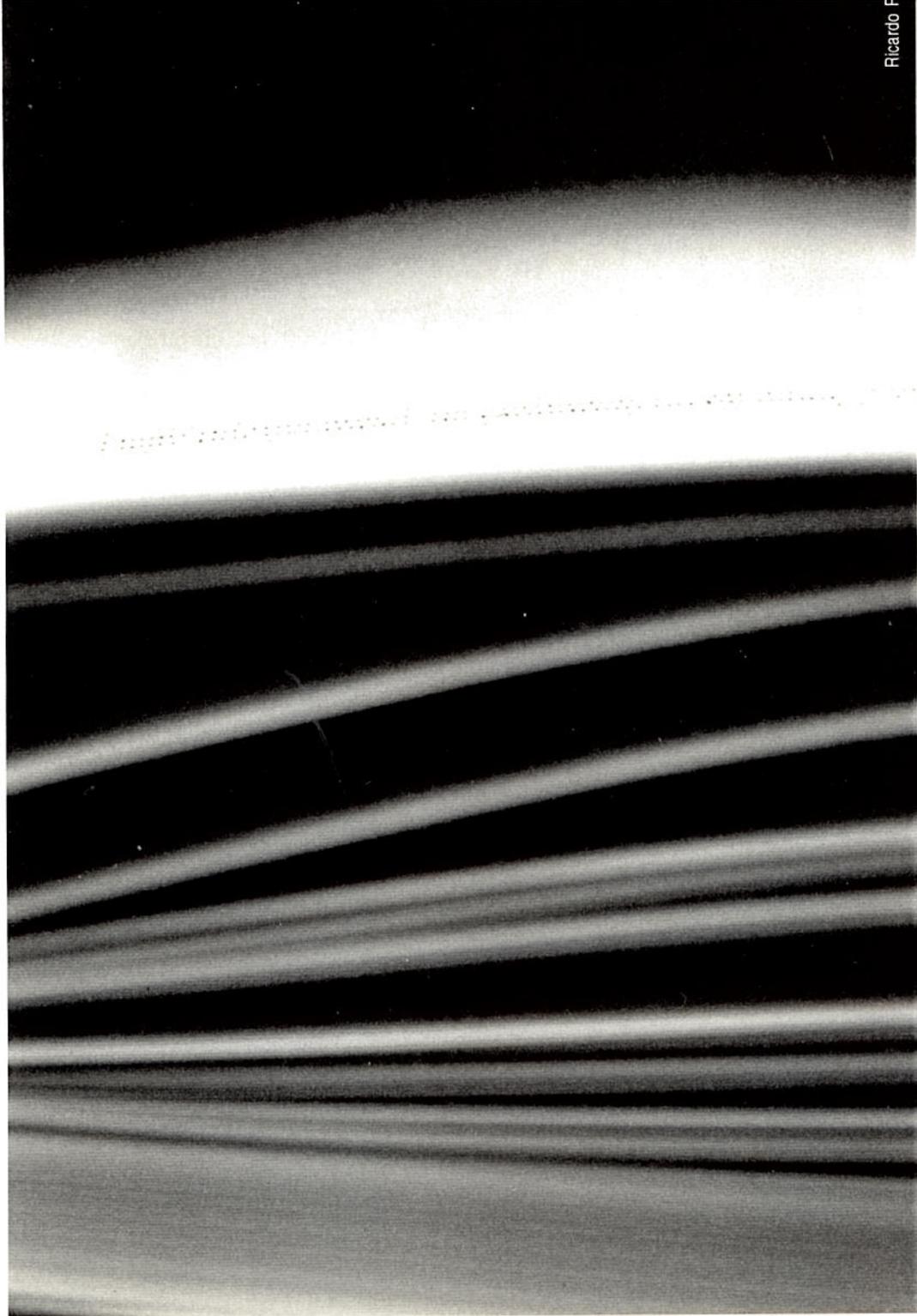




“Mas os caminhos são diversos...”

(João Guimarães Rosa)

Baden Powell
Badi Assad
Bebel Gilberto
Chico Buarque
Coral Estação Santa Fé
Edu Lobo
Elis Regina
Gilberto Gil
Gonzaguinha
Guilherme Oliveira
Guinga
Itamar Assumpção
Ivan Vilela
João Bosco
João Gilberto
Leila Pinheiro
Marcos Suzano
Milton Nascimento
Mônica Salmaso
Olívia Byington
Orquestra Popular de Câmara
Palavra Cantada
Paulo Belinatti
Tom Jobim
Zizi Possi



Ricardo F

“E O que era para ser. O que é pra ser – são as **palavras!** Ah, porque. Por quê?”

(João Guimarães Rosa)

- ALMEIDA, Milton José. *Suagh'Leng'hor*. São Paulo: Cortez, 1990.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1999.
- AZEVEDO, José Clóvis de e NUNES, Sofia Cavedon (orgs.) *Escola Cidadã – livro fotográfico*. Porto Alegre: SMED, 2000.
- BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BANYAI, Istvan. *Zoom*. Trad. Gilda Aquino. Rio de Janeiro: Brinque Book, 1995.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. Julio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas – vol.I Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1994.
- CARVALHO, Peggy. *Dança das estações*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1995.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Mariana Appenzeller. Campinas: Papirus, 1993.
- FRANCO, Maria Ciavatta. *A fotografia como fonte histórica – introdução a uma coleção de fotos sobre a “Escola do trabalho”*. 17ª Reunião anual ANPED, GT16, 1994.
- FONTES, Joaquim Brasil. *O livro dos Simulacros*. Florianópolis: Clavicórdio, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994.
- _____. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- _____. *De perna pro ar – a escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.
- LACERDA, Nilma Gonçalves. *Manual de tapeçaria*. Rio de Janeiro: Philioblion: Fundação Rio, 1986.
- _____. *Cartas de São Francisco: conversas com Rilke à beira do rio*.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. BH: Autêntica, 2000.
- _____. *Nota sobre a experiência e o saber da experiência*. Campinas/SP, Leituras SME, julho/2001, n° 04.
- LOPES, Ana Elisabete, SANDER, Luciana Becker e SOUZA, Solange Jobim e. *A criação de narrativas fotográficas na escola: uma abordagem através da fotografia*. In: PAIVA, Aparecida, EVAGELISTA, Aracy (orgs.). *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. BH: Autêntica, 2000.
- MARQUES, Mario Osório e GRZYBWSKI, Lourdes Carvalho. *História visual da formação de Ijuí, Rio Grande do Sul*. Ijuí: UNIJUI Editora, 1990.
- MASUR, Jandira. *O frio pode ser quente?*. São Paulo: Ática, 2001.

MEANA, Yolanda Serrano (trad.). *Poemas com Sol e Sons: poesia latino-americana para meninas e meninos*. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

NEIVA Jr., Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1986.

NOGUEIRA, Adriano e FREIRE, Paulo. *Que fazer: teoria e prática em Educação Popular*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

NOGUEIRA, Juliana Rocha. "O que os olhos não vêem..." *A produção de sentidos pela fotografia*. TCC/FE – Unicamp, 2000.

NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PAIVA, Joaquim (org.). *Olhares refletidos: diálogo com 25 fotógrafos brasileiros*. São Paulo: Dazibao, 1989.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria Municipal de Cultura. *Êxodos programa educacional: leituras, narrativas e novas solidariedades no mundo contemporâneo*. Porto Alegre: SMC, 2000.

1. *Deslocamentos populacionais e novas formas de solidariedade*. Fotografias: Sebastião Salgado; textos: Zilda Márcia Gricoli Iokoi. São Paulo: Bei Comunicação, 2000.
2. *Leituras da Imprensa*. Fotografias: Sebastião Salgado; textos: Maria Helena Paes, Geni Rosa Duarte e Camilo Vannuchi. São Paulo: Bei Comunicação, 2000.
3. *A Narrativa do Olhar*. Fotografias: Sebastião Salgado; textos: Tereza Aline Pereira de Queiroz. São Paulo: Bei Comunicação, 2000.

ROSA, João Guimarães. *Ave Palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

_____. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROSENTHAL, Hildegard. *Cenas Urbanas*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

SABATO, Ernesto. *Antes do fim: memórias*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

SALGADO, Sebastião. *Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Retratos de crianças do êxodo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SAMAIN, Etienne (org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998.

STOKLOS, Denise. *Calendário da Pedra*. 2001.

* Os Trabalhos de Conclusão de Curso (Faculdade de Educação - Unicamp) das autoras **Gisleine Machado** e **Priscila C. Hermínio** também foram realizados na EMEF Raul Pila, Campinas/SP; nos apresentando diferentes leituras e olhares sobre o mesmo espaço.

a autora

Fotógrafa aprendiz e leitora voraz do mundo, das palavras, das imagens, das idéias, das cores, sons, cheiros, texturas, símbolos, significados, pensamentos, emoções, expressões, olhares e sorrisos que habitam todos os cantos afora...
Companheira e transformadora de papéis... coisas dos antepassados orientais.
Pretensão de ser professora e/ou pedagoga. Sonho de educar poeticamente os sentidos dos (se houverem) alunos que encontrar. Filha de um casal de guerreiros, iluminados pela construção e alimentação diária da vida e na incessante busca pela simplicidade. Irmã do Japonês. Parceira de um músico gaúcho que, apesar da distância, conseguem reger a orquestra da vida com muita alegria. Aluna da inesquecível professora-feiticeira que me convenceu a ler imageticamente minha história pedagógica... Pelos familiares, sou mais conhecida como Shinha e para uma tia doida que vive do outro lado do mundo, Kabotchá, ou Abóbora, em brasileiro... Alguns ainda, me chamam de Shi/ohara, ou simplesmente Aline e seus derivados monossilábicos, outros de Japonesa-louca, mas nesse caso, deixo por conta deles...



a orientadora

Pipa, pandorga, maranhão – nunca brinquei disso.
Eram coisas de meninos nos anos 50 da minha infância comportada.
Quarentona, provei do prazer desse brinquedo e entendi-lhe sentidos.
Isso aconteceu quando me tornei “orientadora”. Foi ouvindo os gostos e desejos, os sonhos e temores de gente como a Aline, que eu entendi o que significava “dar a linha”, deixar voar, cuidando para que o fio não arrebentasse.
Hoje, sinto-me bem “sortuda” por ter aprendido (e por poder continuar aprendendo) isso, porque eu acabo provando desses sonhos e desejos; eu também passeio pelos olhos e lugares que as cabeças dessas gentes inventam e flagram; eu aprendo a ousar.

o co-autor

Adoro brincar com as imagens e explorar as possibilidades que existem em suas entranhas.
Suas formas e cores circunscrevem um universo infindável de poesia e alternativas.
Não são apenas possibilidades estéticas, pois trazem em suas costas visões de mundo, vida e, conseqüentemente, educação. Hoje a vida traz de volta aos meus olhos crianças que escrevem na penumbra da grande lógica. Crianças que me jogam à face seus sorrisos e suas vidas, rabiscando com giz branco o chão escuro da periferia de nossos olhos. Suas linhas e letras nos gritam lindas possibilidades, tomando inútil qualquer tentativa de ignorá-las.
Como educador, acredito em uma educação dos sentidos... uma educação que nos ensine como saborear o incessante diálogo que o mundo oferece ao nosso corpo, explicando-nos quem somos. Um dia conseguiremos derrubar as cercas que cresceram em nossos poros, e aos nos despirmos da individual pele, finalmente perceberemos que somos mundo.

